

**WAITHE, M. E. (Org.) *Uma história de mulheres filósofas – 600 a.C. – 500 d.C.* Tradução de Gislene Vale dos Santos e Carolina Araújo. São Paulo: n-1 edições, 2025. 264 p.**

DOI: 10.20873/rpvn10v2-49

Juliana Santana  
E-mail: jusantanaa@uft.edu.br  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8192-1255>

O primeiro de três volumes de *Uma história de mulheres filósofas – 600 a.C. – 500 d.C.*, traz em si uma quantidade impressionante de fragmentos e textos de filósofas da antiguidade greco-romana, a maioria delas desconhecida do grande público. A tradução feita pelas professoras Gislene Vale dos Santos<sup>1</sup> e Carolina Araújo<sup>2</sup> aproxima os leitores brasileiros de um material de pesquisa longa seriamente desenvolvido e organizado por Mary Ellen Waithe<sup>3</sup> e pelas estudiosas Vicki Lynn Harper<sup>4</sup>, Beatrice H. Zedler<sup>5</sup> e Cornelia W. Wolfskeel<sup>6</sup> <sup>7</sup> que traduziram e comentaram os textos ali compilados. Ademais, apresenta-nos uma considerável listagem de fontes para pesquisa sobre o tema. Uma obra sobre mulheres que ousaram pensar, feita por mulheres que resistem nesta ousadia atualmente, mas para um público, espero, que comporte

---

<sup>1</sup> Filósofa e professora de Filosofia Antiga na Universidade Federal da Bahia, tradutora do *Uma história de mulheres filósofas* no Brasil.

<sup>2</sup> Filósofa e professora de Filosofia Antiga na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tradutora do *Uma história de mulheres filósofas* no Brasil.

<sup>3</sup> Filósofa e professora emérita de filosofia da Cleveland University, reconhecida por seu trabalho sobre mulheres filósofas. Organizadora da série *Uma história de mulheres filósofas*.

<sup>4</sup> Filósofa e tradutora de obras da filosofia antiga.

<sup>5</sup> Foi filósofa e tradutora de textos filosóficos, especialmente medievais.

<sup>6</sup> Filósofa e pesquisadora do pensamento cristão.

<sup>7</sup> As citações feitas indicam cada estudiosa das diferentes envolvidas com uma filósofa apresentada, mas são sempre citações das estudiosas que compuseram o livro ora resenhado.

bem mais que as estudantes de filosofia que possam se inspirar nas páginas da coleção. Isso porque a filosofia é universal, de interesse e – talvez – de alcance de todos. Portanto, as vozes femininas às quais o volume começa a dar lugar em português não deveriam ter ficado obliteradas por tantos séculos.

O livro divide-se em nove partes, partindo das pitagóricas tardias (divididas em duas partes) e culminando na exposição acerca de filósofas antigas, igualmente pouco ou menos conhecidas ainda, porém não deixadas de lado. É didaticamente apresentado com uma pequena parte biográfica para cada uma das pensadoras, assim como, muitas das vezes, com exposições sobre as teorias que as influenciaram e as suas próprias. Finalizam muitas vezes com resumos e conclusões que trazem fechamento elucidativo sobre o que se pode ler em cada uma das partes. O que faz com que se configure como um material significativo para aulas, mas igualmente para incentivar pesquisas, devido às lacunas, notas e referências que congrega, deixando-nos questões que nos levam a pensar.

Desde as primeiras pitagóricas, a quem se somam a esposa e as filhas de Pitágoras de Samos, respectivamente, Teano, Damo, Mia e Arignote, e outras filósofas apresentadas e abordadas no volume em questão, é importante notar os aspectos éticos das teorias e questões filosóficas de natureza diversa que nos aparecem por detrás de lições, que podem primeiro saltar aos olhos, a respeito do cuidado com a casa, os maridos, os filhos. Por exemplo, voz corrente entre as pensadoras antigas, aparecem questões éticas que podem aparecer entremeadas ao manto dos cuidados do *oikos*. Mas, a um olhar mais detido, tornam-se perceptíveis as lições destinadas às *philaí* e contidas em cartas sobre a moderação, que indicam a familiaridades dessas mulheres com temas como este, conforme os comentários tecidos em seguida aos textos originais traduzidos, mais presente na vida feminina antiga que na dos homens.

Há igualmente importantes reflexões sobre a alma humana, mais especificamente sobre a alma das mulheres. O que serve de esteio para o que se propõe acerca das questões relacionadas à moderação, bem como, por vezes, também a noções interessantes de justiça que são labradas, como no caso de Aesara de Lucânia. Teorias estas que podem ser reflexo das questões

importantes em seu tempo (séc. III a.C.), por exemplo, presentes também nos problemas e no tratamento da alma e da justiça dispensado por filósofos do sexo masculino bem mais conhecidos por nós e que viveram, igualmente, no período clássico grego. O que nos leva a pensar: Aesara teria tido contato com tais textos? Seria o texto de “uma contemporânea mais jovem de Aristóteles?” (Waithe, 2025, p. 99). Observe-se que uma das filósofas listadas no volume tem o mesmo nome da mãe de Platão e considera-se que, talvez, fosse a própria.

Impressionam igualmente as proposições de Teano II acerca das senhoras e suas escravas. Especialmente após a leitura dos comentários da tradutora da carta para Calisto, Vicki Lynn Harper, é peculiar a reflexão que nos vêm à mente acerca das possíveis similitudes entre senhora e escravas ali presentes. De modo especialmente destacado na comparação assaz pitagórica entre essas duas figuras e instrumentos musicais que devem manter suas cordas com tensão adequada a fim de “bem funcionarem”, de terem harmonia, o que reforçaria o parentesco das almas de mulheres de ambas as classes e sua recíproca humanidade.

São ainda consideradas a autenticidade e a falsificação do material exposto acerca das pitagóricas, com base em doxografias e outras fontes, tanto antigas quanto modernas que condensam tais textos. É considerada também a hipótese de Holger Thesleff sobre a pseudonímia quanto às autoras dos fragmentos e cartas ali apresentados e analisados. O que fecha o primeiro bloco deste volume sobre filósofas antigas.

O que consideramos a segunda parte do livro é focado em duas figuras mais conhecidas, especialmente por sua presença em diálogos de Platão. Trata-se, primeiro, de Aspásia de Mileto, também conhecida por ser esposa (e por, supostamente, ter tido grande influência em) de Períclies; depois, de Diotima da Mantinea. A primeira é figura histórica que aparece, entre outros escritos, no *Menexeno* de Platão. É também descrita por E. F. Bloedow (1975, p. 46 *apud* Waithe, 2025, p. 108) como “coarquiteta do movimento sofista”, donde o interesse de Platão por ela. Já Diotima é a mesma que aparece para nós no diálogo *Banquete*, mas cuja real existência é incerta e, por isso mesmo, figura entre as filósofas do rol do volume. Interessantemente, ambas dotadas com a potência dos discursos. Porém, cada uma a seu modo.

Se Aspásia fora professora de oratória de Sócrates e de Platão e se destacava pela retórica, Diotima, sendo alguém diferente de uma porta-voz de teorias socrático-platônicas, expunha teses sobre as Ideias, a alma e sua imortalidade e até mesmo sobre as ““qualidades femininas” da filosofia” (Waithe, 2025, p. 129). Além da sinalizada possível disparidade quanto à teoria de Platão acerca da relação entre *éros* e razão. O quanto se aproxima de Platão ou se distancia, configurando-se como uma outra pensadora (real) é uma das grandes questões expostas nas considerações acerca dela.

Na sequência, vem a vez de Júlia Domna, imperatriz romana e filósofa. Síria, filha de sacerdote, que posteriormente se tornara esposa do imperador de Roma Sétimo Severo, ficou conhecida como “A filósofa Júlia”. Além de ativa nas coisas do império de seu marido e, posteriormente, de seu filho Caracala, Júlia Domna parece ter andado rodeada por um círculo de nomes importantes entre os quais foram listados o do comentador de Aristóteles, Alexandre de Afrodísia, e o do médico Galeno, além de sofistas (Zedler, 2025, p. 156-157). Estes que, na época, eram estimados e homenageados por suas habilidades e ensinamentos de oratória e no ensino de retórica<sup>8</sup>. Embora talvez não tenha escrito sua própria filosofia, na contramão de outros envolvidos com o império, incentivou e protegeu a filosofia. Chegou mesmo a expressar seu gosto pela matéria e suas afinidades filosóficas com a encomenda a Filóstrato de uma obra sobre o neopitagórico Apolônio de Tiana. “Ela sugere que ela mesma preferia uma filosofia que reconhecesse a existência de Deus (ou deuses), a proximidade do homem com o divino, a imortalidade da alma, a necessidade de adquirir virtudes intelectuais e morais, e a orientação que a filosofia pode dar aos que exercem poder”, explica Zedler (2025, p. 164).

Das cristãs, aparece Macrina, ilustre irmã e mentora de Gregório de Níssa e de Basílio de Cesareia. Interessavam-lhe temas como a imortalidade da alma, cujas teorias foram registradas no *Sobre a alma e a ressurreição*, de Gregório, texto que teria sido resultante de conversa tida entre os dois irmãos pouco antes da morte de Macrina (Wolfskeel, 2025, p. 168). A alma, tida como substância criada, una e indivisível, seria um poder intelectual e espiritual que

---

<sup>8</sup> Segunda sofística, diferente daquela combatida por Platão e Aristóteles.

coordenaria e interpretaria o que vinha da percepção. A unicidade e indivisibilidade garantem a ela a existência após a morte porque o que não é composto não perece, diferente do corpo que é composto. Pensamento que, de certo modo, dialoga com o platonismo. A filósofa ainda tem considerações acerca da natureza das paixões, que pensava não serem naturais da alma, cuja natureza era voltada à faculdade de pensar. Parecia não fazer distinção entre as almas das mulheres e dos homens, que considerava imagem de Deus<sup>9</sup>, em oposição ao que parecia ser a opinião corrente. Também formulou teorias acerca do *post mortem*, considerando a reconstrução de um corpo espiritual, mais refinado que o físico, ao qual a alma se associaria, expressando suas posturas diante das polêmicas cristãs acerca de ressurreição e reencarnação. Mas também elaborou considerações de cunho moral ao tratar das paixões, pois pensava que seu mal uso levava ao mal e vice-versa, sendo tais coisas postas na conta da escolha. Porém, entendia que a alma estaria livre das paixões após a morte. A teórica ainda considerava questões filosóficas com viés cristão, mas com influência de teorias platônicas e neoplatônicas, como quando identifica Deus com o Bom e o Belo. No entanto, rejeitava as propostas pagãs sobre a possibilidade de almas humanas reencarnarem em corpos de animais e de plantas e de um ciclo de reencarnações em corpos humanos, porque seria uma mistura de bem e mal. Não defendia a queda como causa da corporeidade, como algo resultante do pecado que se tornasse fonte da vida humana, diferindo de filósofos como Fílon e Orígenes. Mas pensava que a queda era a fonte da mortalidade humana. Todavia, como já sinalizado, defende a *apokatástasis*, que se daria no fim dos tempos quando também ocorreria a ressurreição, defesa feita com base nas Escrituras. Assim, percebemos uma mulher que filosofa e que, como seus irmãos homens, recebe uma fina educação, tanto nas coisas da cristandade, mas igualmente na filosofia conhecida em seu tempo.

Na sequência somos (re)apresentados a uma das mais famosas filósofas da antiguidade, Hipátia de Alexandria. De ascendência grega, ela viveu no quarto século de nossa era na cidade que lhe cede o nome. Era ligada às atividades do Museu e teria sido diretora da escola de Plotino.

<sup>9</sup> Tal postura aparece igualmente nos escritos dos dois irmãos sacerdotes de Marina, os já mencionados Gregório e Basílio.

Estudiosa e professora de filosofia, lidava com álgebra, geometria, astronomia e outras ciências, e destas também tinha alunos. O livro nos traz uma pequena biografia sua que, penso, nos seja mais conhecida por, em alguns aspectos terem sido tema de filme<sup>10</sup> que culmina, assim como o texto que temos em mãos, em sua morte executada por cristãos. Retornando ao que ensinava, listam-se as teorias de Platão, Aristóteles, Pitágoras, dos cínicos e talvez dos estoicos (Waithe, 2025, p. 203), mas igualmente as já mencionadas ciências. “Para Hipátia e os intelectuais de sua época, a metafísica e a cosmologia conduzem à matemática, à astronomia, à geometria e à física e, por meio delas, às respostas para as grandes questões religiosas, sociais e políticas da época” (Waithe, 2025, p. 204). O volume ainda nos conta acerca da obra da filósofa e do que conservamos dela. O *Suda* lista três comentários a obras de aritmética e geometria como sendo de autoria de Hipátia e as dá como desaparecidas; porém, dois deles ainda restam, os comentários ao *Arithmetorum* – cuja tradução é inserida no volume ora em apreço – de Diofanto e ao III livro das *Syntaxis mathematica*, esta obra de Ptolomeu. Comentário que talvez tenha influenciado teorias de Copérnico.

A parte final do livro é dedicada a filósofas sobre as quais pouco se sabe além de seus nomes, mas que são apresentadas, segundo Waithe (2025, p. 222), a fim de estimular a pesquisa sobre elas. Areté era filha de Aristipo de Cirene e o sucedera na condução da escola, sendo ambos hedonistas. Propunham prazer e dor como movimentos da alma, esta última sendo sua excitação violenta e aquele um movimento suave, bem como seria critério para a moral e o fim da vida. Mas, de acordo com Areté, sem excessos, sendo a ação virtuosa aquela que se apresentasse como meio para o agradável.

Já com Asclepigênia de Atenas temos uma filósofa neoplatônica, que ensinou na escola na qual seu pai era líder. Propunham um sincretismo filosófico (platonismo e aristotelismo) com magia e teurgia pagãs. Foi professora de Proclo, distinto filósofo neoplatônico. Contrastava com o crescente cristianismo, pensando mesmo na possibilidade de intervenção no destino. Assim

---

<sup>10</sup> Referimo-nos a *Ágora*, do diretor Alejandro Amenábar.

como Areté, não deixou escritos, porém, pelas escrituras de seus alunos indica-se que priorizava a união mística com o Um como felicidade a ser buscada (Waithe, 2025, p. 229).

Por fim, são apresentadas Axioteia de Fliunte, Cleobulina de Rodes, Hipárquia, a cínica, e Lastênia de Mantinea. Axioteia foi aluna de Platão e de Espeusipo e se disfarçava como homem para assistir as aulas na Academia. Cleobulina é indicada por Diógenes Laércio como filha de Cleóbulo e a *Poética* (1458a24; ver também *Retórica* 1405b) a trata como relacionada à oratória, sendo tomada por Plutarco como sábia e dotada de “mente de estadista”. É também Diógenes Laércio, entre outros, quem dá notícias de Hipárquia. Aponta que teria assumido uma despojada vida cínica juntamente com Crates. Por fim, Lastênia é apontada pelo mesmo Diógenes Laércio como aluna de Espeusipo, relacionando-a com Axioteia.

Assim fecha-se o volume que com suas páginas não somente apresenta ao público de língua portuguesa brasileira essas impressionantes e quase desconhecidas – em sua maioria – mulheres. Ele realmente serve de estímulo para que as tratemos com mais deferência e atenção, diante do grande rol de filósofos homens, e para que nos inspiremos a pesquisar mais sobre elas. Ademais, serve-nos, a nós mulheres estudantes de filosofia, se não para nada mais, como incentivo para persistir em uma área de investigação que no Brasil do século XXI permanece predominantemente masculina. “São mencionadas aqui para estimular mais pesquisas sobre elas” (Waithe, 2025, p. 222): foi o que Waithe escreveu sobre as filósofas do último bloco, mas pensamos que a recomendação sirva para todas ali tratadas.

Recebido em: 27-12-2025

Aprovado em: 30-01-2026

### **Juliana Santana**

Graduada em filosofia e mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no curso de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Programa de Pós-graduação em Filosofia no Programa de Pós-Graduação e em Letras da mesma Universidade.